



HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS **DIFERENTES**

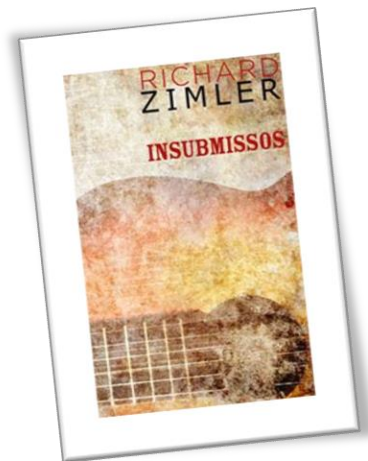
Sejam bem vindos.
Elsa Serra e José Saro

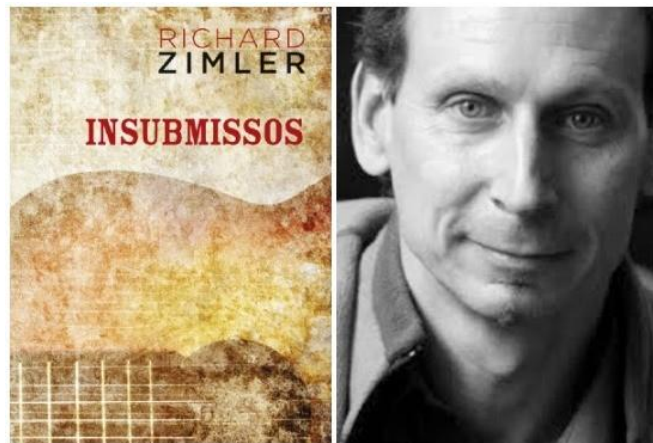


CF *Histórias iguais com finais diferentes*

5ª sessão conteúdos

Seleção e práticas de leituras capazes de configurar projetos de leitura planejados de modo centrado no aluno, de acordo com as suas necessidades, potencialidades, interesses e preferências, através de uma abordagem de leituras em multinível. Exercícios de concentração e estabilidade baseadas no ato de ler. Seleção de textos como promotores do uso criativo e multifuncional da escrita potenciando as virtualidades pedagógicas.





Meu bem-amado Carlos,

Agora que acabaste de ler a minha última carta para Harold, já posso dizer-te que aconteceu uma coisa inesperada e terrível, e que é por isso que tenho de te escrever. Não, ainda não te posso dizer o que é; as pessoas que têm medo precisam de se reger por regras bem firmes, senão perdem a coragem e hesitam; portanto, decidi contar-te tudo por ordem cronológica.

Também tenho de te contar algumas coisas a meu respeito. Em breve, poderás ser o único que resta, talvez até nos salves a todos, pelo que precisas de saber tudo.

Imagina um conto de fadas, Carlos: num dia, eu tenho onze anos e estou a passear de bicicleta com o meu irmão por um bairro que cheira a churrascos, sombreado por carvalhos. Paramos em Gardener's Hill, lemos livros de quadrinhos e jogamos ao «mata» com uma bola de borracha *Spalding*. Depois, sentamo-nos no passeio e falamos sobre os nossos professores.



IMAGEM DA REVISTA Visão-

[11 PÁGINAS PUBLICADAS](#)

https://www.google.pt/books/edition/O_Ca%C3%A7ador_de_Elefantes_Invis%C3%ADveis/BcZHEAAQBAJ?hl=pt-PT&gbpv=1&pg=PT6&printsec=frontcover

O vice-viajante

Sou de Quionga, onde termina o rio e começa o mar. Nasci no dia em que, num improvisado mastro da Administração, içaram a bandeira de Moçambique. Logo ali, uns passos acima, a terra tem outro nome. Chama-se Tanzânia. Parte da minha família veio de lá, do outro lado da fronteira.

Estou a fugir por causa da guerra. Vou para um destino que não conheço. Para mim, esse destino chama-se Vida. Para trás ficaram os meus pais, que foram mortos pelos terroristas. Cortaram-lhes a cabeça, os braços e as pernas. Escapei porque pensaram que não havia mais ninguém dentro da casa, que incendiaram ao mesmo tempo que gritavam «Allahu Akbar». Gritavam «Deus é Grande» e eu, que sou muçulmano, pensei na grandeza de Deus enquanto, numa mesma cova, juntava os restos dos meus pais.

Assim que tudo voltou ao silêncio, meti-me pelos caminhos onde só andam os bichos. Deambulei durante horas. Desde o início estranhei o peso dos meus pés. Por que razão me cansava tanto, se viajava sem nenhum dos meus pertences? E pensei: levo o rio dentro das mãos.

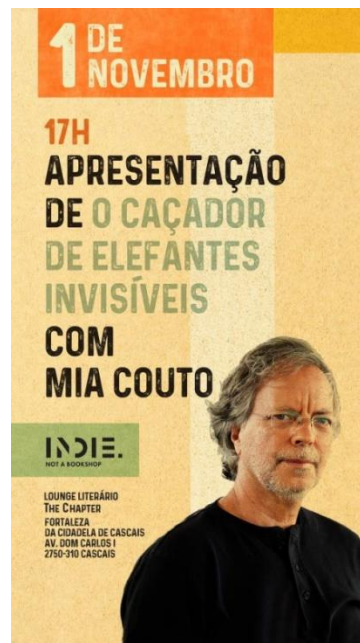
Cheguei à estrada e cruzei com um camião que transportava madeira. O camionista deteve-se para me dar boleia. Antes que eu fizesse menção de entrar o homem estendeu-me um pano e mandou que cobrisse o rosto e o amarrasse por trás da nuca. Recusei. Hesitei. Eu vinha de uma matança em que os soldados estavam todos mascarados. Os panos desses assassinos eram negros. Mas eram panos. E era gente sem rosto.

O motorista levantou o braço a apressar a minha decisão: ou era como ele mandava ou ele me deixava ali apeado. Obedeci. Instalei-me ao lado do condutor e ele pôs o veículo em marcha antes mesmo que eu fechasse a porta.

— *Estás a saltar da panela para a fogueira* — avisou ele.

Não entendi. E nada perguntei. O camião avançava a uma tal velocidade que alguns troncos foram tombando com aparato. Quando, finalmente, chegámos ao asfalto, o motorista suspirou e confessou que o melhor seria suspender a sua atividade até que a paz chegasse.

— *Esta guerra ainda está longe de terminar e já perdi a conta das pessoas que salvei* — disse ele.



E acrescentou, apontando para as traseiras da viatura:

— *Trouxe-os na carroçaria, sobre o tejadilho, sentados em cima dos troncos, só falta virem dentro do motor.*

— *E onde me vai deixar?* — perguntei.

— *Vou deixar-te num campo de refugiados que acabaram de construir perto da cidade.*

O restante caminho fez-se entre silêncio e poeira. Observei as duas bermas da estrada e pensei como a guerra e a doença caminham juntas, como os dois braços de um mesmo corpo. Olho para o meu lado: o motorista não quer ser vencido pelo sono. Pede-me que o distraia. Foi então que me ocorreu relatar um episódio ocorrido na minha família. E conto essa história ao motorista como se, ao desfiar essa lembrança, a minha casa ressurgisse das cinzas.

Há cinco décadas, quando veio a epidemia da varíola, a aldeia do meu avô ficou deserta. Mais do que deserta: amaldiçoada. Os pés de quem a visitava convertiam-se em pedra. Uma aldeia sem gente deixa de ter céu: as nuvens desabam no chão, brancos panos sem uso.

E sucedeu aos vivos o que acontece com os falecidos: ninguém mais podia dizer o seu nome. Quem trouxe essa doença?, perguntavam os aldeões, surpresos. As doenças não se trazem, disse o meu avô. Acendem-se. É como o fogo: a palha já lá está, o fósforo chega sem sabermos como.

Na altura ninguém deu conta, mas a epidemia veio junto com a guerra. E ninguém se apercebeu

porque essa guerra era entre ingleses, portugueses e alemães. E aconteceu assim: os primeiros europeus que visitaram a nossa aldeia foram os alemães. Esses alemães eram brancos, mas de outra raça, tinham descido por outros mares, de portos mais longínquos. Passaram mais tempo no mar e, por isso, traziam os olhos mais azuis e os cabelos mais deslavados.

Quando se instalaram em Quionga, esses estrangeiros olharam o rio e acharam-no muito largo. Mandaram que os habitantes do lugar estreitassem o rio. Os aldeões deixaram a tarefa para a noite. Iriam executar esse trabalho enquanto estivessem a dormir. Durante o sono, os homens saíram dos seus corpos e empurraram as margens do rio, que se foram estreitando até que, num certo ponto, elas se tocaram. Assim, os brancos, sem pontes nem barcos, venceram o leito do rio.

— *Continue a história, gosto desse enredo, parece cinema* — afirmou o motorista, enquanto encostava o camião na margem da estrada. Parámos por debaixo da sombra de uma grande acácia, mas não saímos da viatura, por razões de segurança.

Fechei os olhos como se assim, na penumbra, me chegasse melhor o relato que escutei do meu avô. E regressei aos episódios desses tempos antigos. A verdade é que, depois de um tempo, os alemães mandaram que a nossa gente voltasse a alargar o rio. Havia uma guerra e eles tinham medo de que os ingleses os cercassem a partir da margem Norte.



Queriam fazer do rio Rovuma uma fortaleza. Derrubaram todas as pontes e queimaram todos os barcos. O rio foi reposto no seu antigo lugar. Os alemães ali se mantiveram instalados, como se fossem donos do mundo. Quem tem armas pode mandar nas pessoas. Mas não pode mandar nos rios nem no mar.

E foi pelos rios e pelo mar que, numa certa noite, chegaram os atacantes. Deu-se uma grande batalha. Morreram muitos soldados europeus. Os seus corpos foram levados pelo rio e arrastados pelas correntes marinhas. À medida que eram engolidos pelas águas, esses europeus convertiam-se em peixes. Nos dias seguintes as crianças de Quionga recolheram milhares de escamas que brilhavam sobre a areia branca. Os meninos e as meninas colocaram as escamas sobre os ombros, esperando que uma outra raça lhes fosse concedida.

Foi assim, dizem, que a doença se espalhou. A pele das crianças ficou coberta de escamas, as mães coçavam o corpo dos filhos e as crostas saltavam como se estivessem a preparar peixe. Morreu muita gente, dizem mesmo que morreram todos os habitantes. Os que escaparam foi porque, sem sobreviventes, a própria morte teve medo de morrer. Assim, uns tantos foram devolvidos à vida. O primeiro a regressar foi o meu avô. E é por isso que ele nunca se cansou de perpetuar esta lembrança.

Foi esta a história que contei durante a viagem. Foram várias as paragens no caminho e o dono do

camião perguntou-me se não tinha mais histórias. E inventei coloridos detalhes às lembranças da minha família. Quando me calei estávamos a entrar no campo de refugiados. O motorista despediu-se de mim sem desligar o motor da viatura. Já me tinha instalado numa das dezenas de tendas quando escutei a insistente buzina do camião. Corri para a entrada do campo e vi o motorista acenando.

— *Junta as tuas coisas e vem comigo* — ordenou.

— *As minhas coisas?* — estranhei.

— *Vais ficar em minha casa* — afirmou o motorista. E sentenciou: — *Passas a ser meu ajudante de viagens.*

E ainda hoje é isso que faço: ajudo o motorista a viajar. Sentado a seu lado, vou contando histórias. Há apenas um pormenor: estamos ambos sentados na varanda. O camião está parado, avariado e sem pneus. O motorista há um tempo que está adoentado. A esposa do condutor diz que tudo aquilo são saudades de andar pelo mundo. Mas eu sei que a enfermidade do motorista é verdadeira. Porque sofro da mesma doença. Para nos curarmos vai ser preciso que a estrada volte a ser um rio que leve a guerra e lave a doença.

Com as minhas histórias vou empurrando as margens do rio. O motorista agradece a ilusão de uma ininterrupta viagem. No fundo, sou eu que estou grato: cada história minha é uma reza que faço junto à anónima cova onde se deitaram os meus pais.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

O Caçador de Elefantes Invisíveis

de Mia Couto

27 outubro ~ quarta ~ 18h30



com a presença
da autor



ARQUIVO
BENS CULTURAIS

Índice

Capa

Ficha Técnica

Nota do Editor

Um gentil ladrão

A imortal quarentena

O caçador de elefantes invisíveis

O vestido vermelho

O observatório

As pequenas doenças da eternidade

A fumadora de estrelas

O meu primeiro pai

Pássaros cegos

De reis mortos e águas vivas

A borboleta

As mãos, as mães

As cinzas

Matar o mar

Guaparivás

A culpa

O vice-viajante

A outra

O apeadeiro

O parto póstumo

A gota

A parede

A libélula

A alma têxtil

Colóquio de pedras

Um país sem nome